

# Fundamentos e técnicas da arte de ilustrar

Guto Lins<sup>1</sup>

Categorizar e identificar o livro infantil como livro de imagens, ou livro ilustrado, se tornou comum. Afinal, livros para adultos não costumam ser ilustrados.

É fato que o livro infantil é permeado por imagens: ilustrações, desenhos, grafismos, fotos e elementos visuais diversos, com função informacional ou puramente estética. Da mesma forma, ainda no universo das imagens, existe a mancha gráfica, a maneira como o texto se comporta visualmente na página e que também obedece a questões comunicacionais e estéticas.

O projeto gráfico tem o papel de equacionar estas duas linguagens, dando forma ao conteúdo do texto e conteúdo conceitual ao padrão estético adotado. Assim, imagem e texto dialogam visualmente na página e com o leitor. A imagem passa a fazer parte integral da história, potencializando a comunicação e a mensagem.

É bom lembrar que a linguagem visual é bem anterior à linguagem escrita, basta lembrar registros visuais feitos por grupos humanos nos primórdios, que foram encontrados em cavernas ou outros sítios arqueológicos. Hoje, milhares de anos depois, vivemos em uma sociedade globalizada, múltipla, onde a comunicação se estabelece em décimos de segundo. Codificação e decodificação instantânea e incessante, já que todos somos bombardeados diariamente por ícones, logotipos, cartazes urbanos, anúncios, capas de revista, imagens que passam a fazer parte do inconsciente coletivo e da memória visual compartilhada por muitos, ou mesmo por um pequeno grupo, para o qual a imagem vira uma espécie de senha que gera identidade

---

<sup>1</sup> Autor de livros de literatura para crianças e jovens. Designer e professor no Departamento de Artes e Design da PUC-Rio.

e semelhanças aglutinantes.

Na literatura, evidentemente, a imagem não pode exercer uma mera figuração. Ela não está lá para o livro ficar bonitinho. A imagem (ilustração e projeto gráfico) potencializa o objeto livro como veículo de comunicação com sua ludicidade particular e única .

O livro é, simultaneamente, veículo de comunicação, peça literária, instrumento pedagógico, fonte de saber e de lazer. O autor da imagem, por meio de uma interpretação subjetiva e objetiva ao mesmo tempo, transforma o texto em livro, dando-lhe personalidade. A interpretação exclusiva do ilustrador permite ao leitor a oportunidade de conhecer novas visões da história e de inventar outras.

Isto fica mais claro quando tomamos como exemplo um personagem universalmente conhecido como a Alice, de Lewis Carrol. O traço do ilustrador (fruto de sua leitura e interpretação) insere personalidades diferentes ao mesmo personagem. Veja abaixo.



Este diálogo de interpretações e de linguagens só faz enriquecer a obra literária. Afinal, o texto escrito conta uma história recheada de imagens nas linhas e nas entrelinhas. A imagem complementa e enriquece esta história, a

ponto de cada parte de uma imagem poder gerar diversas histórias. O texto e a imagem juntos dão ao leitor o poder de criar, na sua cabeça, a única história que realmente interessa: a história dele.

Fica evidente que, em um mundo tão diverso, a ilustração extremamente literal ou puramente ornamental e decorativa não representa mais a pluralidade e a riqueza de informações visuais a que as crianças de hoje têm acesso. Assim, o autor da imagem passou a ter papel fundamental em todo o processo, envolvendo-se com questões artísticas, literárias e de marketing editorial. Afinal, além de serem bons e bonitos, os livros têm que ser lidos e comercializados.

Assim, o ilustrador amador que ilustrava os livros como hobby, ou nas horas vagas, deu lugar a um profissional com formação acadêmica, criterioso e encarregado de dar qualidade estética, funcional e lúdica a um produto bastante peculiar. Cada livro pede uma solução específica e cada profissional terá sua interpretação individual. Não existe técnica mais ou menos nobre, mas sim a mais adequada ao projeto e ao momento histórico do ilustrador.

O ilustrador tem hoje um universo de referências e materiais quase que inesgotável. Além de todas as técnicas clássicas e tradicionais como guache, aquarela e lápis de cor, estão ao alcance dos olhos e das mãos soluções fotográficas, técnicas digitais, imagens tipográficas, etc. Cada uma com o seu posicionamento conceitual e com resultados estéticos específicos.

A imagem literal e óbvia é, evidentemente, limitante. Assim como a imagem fiel à realidade e anatomicamente perfeita não condiz com a variedade da natureza que nos cerca. O canal olho><mão é repleto de obstáculos mais do que benéficos, essenciais. Ninguém vê a mesma coisa do mesmo jeito. Assim como ninguém é igual a ninguém. Como diz a música: de perto ninguém é normal. Ainda bem!

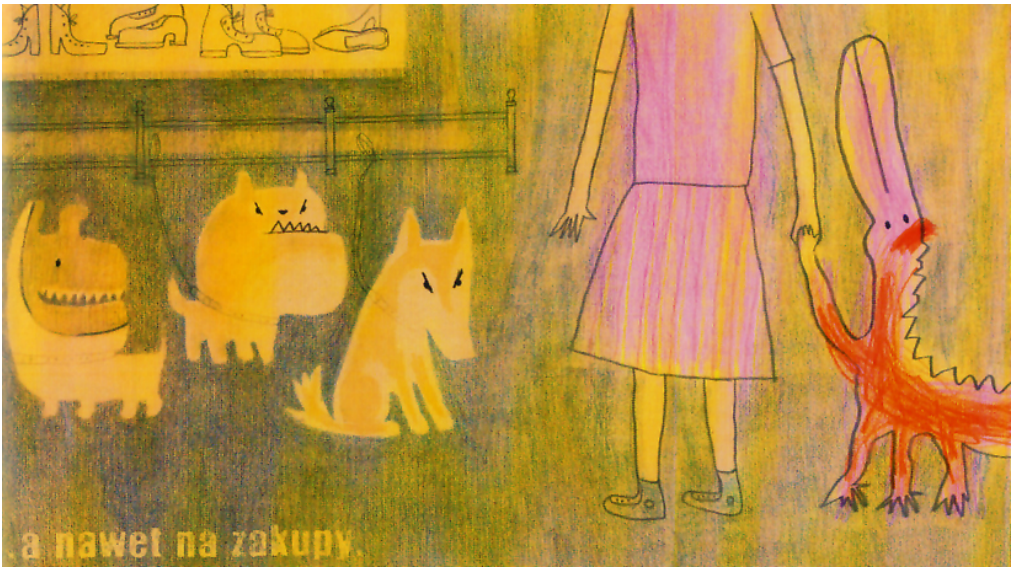
Da mesma forma, o que é ‘desenhar bem’ ou ‘saber desenhar’? Em geral, estes termos são usados para identificar aqueles que conseguem representar fielmente aquilo que é visto, o real. Mas e o irreal, o imensurável, o sentimento e a emoção? Como representar aquilo que não vemos com os olhos, mas com o coração, e que passa a fazer parte de nossa memória afetiva?

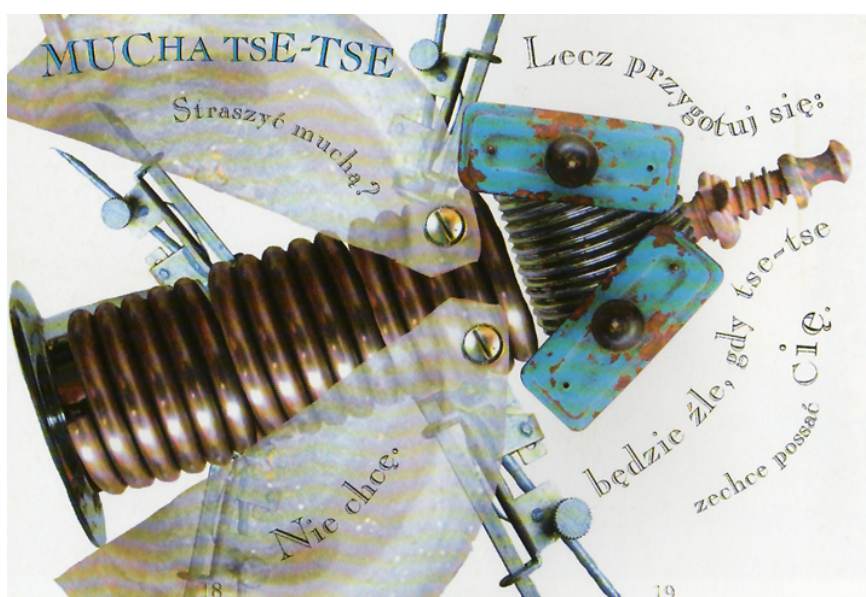
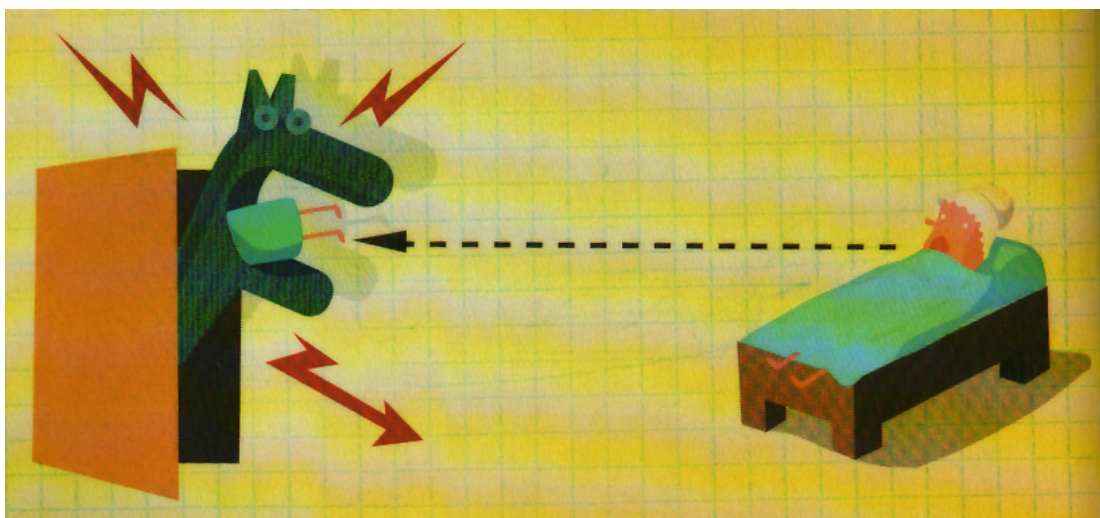
E este ‘universo paralelo’ é infinitamente maior que o mundo real. É nele que vivemos. É nele que transformamos sonhos em realidade e realidade em sonhos.

Mas, normalmente, o próprio ambiente escolar acaba sendo limitador. Acaba acontecendo uma ‘seleção natural’ e aquela criança que sabe desenhar perfeitamente um cavalo galopando na relva acaba concentrando toda a produção estética da turma. E aqueles outros alunos a grande maioria, por sinal que não têm a mesma destreza manual, não são incentivados a buscar formas interpretativas e a se comunicar visualmente. Tornam-se leitores passivos de imagens alheias.

A palavra, portanto, é diversidade. A mesma diversidade que existe no mundo que nos cerca e que a criança encontra em seu presente e que, certamente, se intensificará no futuro. Diversidade que abre o leque de opções e instrumenta o leitor a ter senso crítico, ao ser convidado a interpretar também. Uma leitura menos passiva, mais moderna e dinâmica.

A seguir, algumas imagens da última edição da Bienal de Bratislava, realizada em 2007, contemplando uma seleção das ilustrações feitas no biênio anterior para o público infanto-juvenil pelos quatro cantos do planeta.





O leitor, seja infantil ou adulto, é diverso, multifacetado e bombardeado diariamente por imagens, sons, sabores e emoções. E a literatura é feita para este leitor, não para um leitor hipotético, ideal. Embora toda a produção literária voltada para a criança no Brasil esteja direcionada quase que

exclusivamente à escola, literatura também é magia e abrir mão disso é um retrocesso em todo e qualquer processo ou ação que pretenda incentivar o hábito da leitura.

Muitos acreditam que um dos caminhos seria aproximar o livro, morfológicamente falando, de outro objeto, como um brinquedo. Livros com ‘cinto de utilidades’, com luzes picando e efeitos especiais. Estes livros merecem, sim, lugar nas prateleiras, mas não é necessário transformar o livro em outra coisa para torná-lo atrativo. O livro já é, por si só, um objeto fantástico, cheio de possibilidade formais, funcionais e de linguagem. Livros são portas para mundos desconhecidos e a imagem é, sem dúvida nenhuma, uma das chaves para estas portas todas.

Abre-te sésamo!

#### LEGENDAS DAS IMAGENS:

1. Alice, por WILLY POGANY. Lewis Carrol. *Alice no País das Maravilhas*. EP Dutton, 1929.
2. Alice, por DUSAN KALLAI. Lewis Carrol. *Alice no País das Maravilhas*. Penny Royal, 1982.
3. Alice, por BARRY MOSER. Lewis Carrol. *Alice no País das Maravilhas*. Mlade Leta, 1981.
4. ALI NAMVAR - "Farideh Khalatbaree: Dayreh"- Irã.
5. MONIKA HANULAK."Smonia" - Polônia.
6. RYOJI ARAI."Boku no Kiiroi Basu" - Japão.
7. ANDRÁS BARANYAI. "Szerintem mindenki maradton otthon varásnap délután" – Hungria.



8. ANNA KASZUBA-DEBSKA. "Lukasz Debski: Lamislowka" – Polônia.

9. ANNE MISFELDT & Jørgen Stamp - "Kor!" - Dinamarca.